

UM

Nenhuma história decente deveria começar pela morte de uma prostituta e, por isso, mil desculpas, pois não é tema que pessoas respeitáveis gostem de aprofundar. Foi, no entanto, o facto de achar que a boa gente de Edimburgo evitaria o tema que lançou Will Raven, no decurso do inverno de 1847, no seu trajeto fatídico. Raven não desejaria que ninguém visse na descoberta da pobre Evie Lawson o início da sua própria história, mas o que verdadeiramente o motivava era a determinação em que não fosse também o fim da dela.

Fora dar com ela quatro lances de escada acima da rua, no Canongate, numas minúsculas águas-furtadas frias e tortas. O sítio tresandava a álcool e suor, mal temperados por uma nota misericórdiosa de algo mais perfumado: um almíscar feminino, claramente, ainda que baratucho e do tipo que só pode ser usado por uma mulher que vende o próprio corpo. Com esses odores nas narinas, se cerrassem os olhos conseguiria imaginá-la ainda ali, prestes a descer à rua talvez pela terceira ou quarta vez em outras tantas horas. Mas tinha os olhos bem abertos, e não precisara de verificar a ausência de pulso para se convencer do contrário.

Raven vira já morte que chegasse para saber que a passagem dela deste mundo para o outro não fora fácil. Os lençóis da cama estavam enrodilhados em volta do corpo, num testemunho de maiores contorções do que alguma vez simulara na sua paixão contrafeita, e temeu

que se tivessem prolongado por mais tempo que as de qualquer dos seus clientes. O corpo, longe de estar em repouso, encontrava-se em estado de contorção, como se a dor que a levava desta para melhor a afligisse ainda, e a morte não a tivesse libertado. O sobrolho permanecia franzido, os lábios apartados. Marcas de espuma ornavam os cantos da boca.

Pousou-lhe a mão no braço, para logo a retirar. O frio, contrariamente ao que seria de esperar, chocou-o. Não era a primeira vez que manipulava um cadáver, mas raramente o fizera com algum que tivesse conhecido quente. Nesse momento de contacto, algo de primordial dentro de si comoveu-se com a forma como ela se transformara de pessoa em coisa.

Muitos, antes dele, a tinham visto transformar-se naquele quarto: de somatório dos seus desejos em vaso maldito para o seu sêmen indesejado, adorada primeiro, para logo ser desprezada no momento em que o vertiam.

Mas não ele. Sempre que ali se tinham deitado, a única transformação que o movia era o desejo de a elevar acima daquilo. Ele não era só mais um cliente. Eram amigos. Ou não eram? Por isso, ela partilhava com ele as suas esperanças de um dia arranjar trabalho como criada de servir numa casa respeitável. Por isso, também, ele prometera indagar em nome dela, assim que começasse a mover-se nos círculos certos.

Por isso ela o procurara a pedir ajuda.

Não quis revelar para que queria o dinheiro, apenas que o caso era urgente. Raven conjecturou que ela o devesse a alguém, mas era inútil tentar obrigá-la a revelar a quem. Evie era demasiado experimentada na impostura para ceder. Parecera, ainda assim, imensamente aliviada e chorosamente grata por ele ter conseguido a soma. Não lhe disse onde, escondendo a preocupação de que pudesse ter-se endividado junto do mesmíssimo usurário, transferindo, na prática, para si a dívida de Evie.

O valor era de dois guinéus, que lhe daria para viver durante várias semanas e, portanto, uma maquia que não tinha meios imediatos de saldar. Mas não se preocupara. Queria ajudar. Sabia que muitos troçariam da ideia, mas, se Evie acreditava poder reinventar-se como criada de servir, ele estava preparado para acreditar duas vezes mais em nome dela.

O dinheiro, porém, não a salvara, e agora não havia escapatória.

Passou o olhar pelo quarto. Os cotos de duas velas sustinham-se nos gargalos de garrafas de *gin*, enquanto um terceiro há muito derreteria e se consumira. Na minúscula lareira, as brasas brilhavam debilmente, e teriam sido, noutras circunstâncias, reavivadas por ela horas antes com o carvão de um balde próximo. Junto à cama havia uma bacia baixa com água, trapos húmidos dispostos nas bordas e um jarro ao lado. Era o que usava para se lavar no fim. Perto, no meio do chão, uma garrafa de *gin* tombada. Uma pequena poça indiciava que pouco líquido restaria no interior quando se entornara.

A garrafa não tinha rótulo, pelo que a sua proveniência era desconhecida e, portanto, suspeita. Não seria a primeira vez que um destilador mixordeiro de vão de escada produzia inadvertidamente uma mistela letal. A complicar esta hipótese, havia uma garrafa de *brandy* ainda meio cheia no parapeito da janela. Deveria ter sido trazida por um cliente.

Raven interrogou-se se o mesmo indivíduo teria presenciado o estertor de Evie e deixado para trás a garrafa na sua pressa de escapar às sequelas do caso. A ser assim, porque não pedira socorro? Possivelmente porque, para alguns, ser encontrado com uma prostituta doente não era melhor que ser encontrado com uma prostituta morta, por isso, para quê atrair atenções sobre si próprio? Assim era Edimburgo, às vossas ordens: decoro público, pecado privado, cidade de mil identidades secretas.

Aye. Às vezes nem precisavam de derramar o sémen para o recipiente se transformar.

Perscrutou uma vez mais o vazio vítreo dos olhos dela, a máscara contorcida, caricatura do seu rosto. Teve de engolir em seco para eliminar o aperto que sentia na garganta. Raven vira-a pela primeira vez havia quatro anos, apenas um menino da escola, interno na George Heriot. Recordava os sussurros ocultos pelas mãos dos rapazes mais velhos que sabiam a verdade do que observavam quando a espiavam a caminhar ao longo de Cowgate. Estavam cheios daquela curiosa mistura de fascínio libidinoso e zombaria receosa, temerosos do que os seus próprios instintos lhes faziam sentir. Desejavam-na tanto quanto a odiavam, mesmo então. Nada mudara.

Nessa idade, o futuro parecia inatingível, mesmo enquanto Raven corria para o alcançar. Ela surgira-lhe como a emissária de um mundo no qual não lhe era ainda permitido habitar. Por essa razão, olhava-a como alguém acima de si, mesmo depois de descobrir que o futuro se encontrava inevitavelmente ali, e com que facilidade certas coisas *eram* atingíveis.

Ela parecia tão mais velha, tão mais mundana, até ele acabar por compreender que ela vira apenas uma pequena parte sombria do mundo, e de longe mais do que qualquer mulher deveria. Mulher? Rapariga. Soube mais tarde que era quase um ano mais nova que ele. Evie teria catorze anos quando a vira em Cowgate. Como crescera no seu espírito entre esse momento e a primeira vez que a possuía: uma promessa de verdadeira feminilidade, e tudo o que ele sonhava que tal promessa tinha para oferecer.

O mundo dela fora acanhado e esqualido. Merecia contemplar um mundo mais amplo, um mundo melhor. Por isso lhe dera o dinheiro. Agora, este desaparecera, e ela também — e Raven não fazia ideia do que a sua dívida pagara.

Por momentos, sentiu as lágrimas aflorarem-lhe aos olhos, mas um instinto de vigilância advertiu-o de que tinha de sair daquele lugar antes que o vissem.

Saiu do quarto com pés de lã, fechando a porta com cuidado. Sentia-se ladrão e cobarde ao descer sorrateiramente as escadas,

abandonando-a para preservar a sua reputação. Das proximidades da casa, ouviu os sons de cópula, os gritos exagerados de uma mulher jovem simulando o êxtase para apressar o fim.

Perguntou-se quem encontraria agora o corpo de Evie. A senhoria, com toda a probabilidade: a terrivelmente manhosa Effie Peake. Embora preferisse simular ignorância sempre que lhe convinha, pouco lhe escapava do que ocorresse sob o seu teto, exceto se já tivesse sucumbido por essa noite aos efeitos do *gin*. Raven achou que seria ainda demasiado cedo para isso, e daí a leveza dos seus passos.

Saiu pelas traseiras, por entre os montes de esterco, emergindo de um beco no Canongate, a uns bons quarenta metros a oeste da rua de Evie. Sob o céu negro, o ar estava frio, mas longe de límpido. Os odores a excrementos eram inescapáveis por ali, devido às inúmeras vidas que se amontoavam umas sobre as outras no labirinto fétido que era a Cidade Velha, como na *Torre de Babel* de Brueghel ou no *Mapa do Inferno* de Botticelli.

Raven sabia que devia recolher ao seu quatinho frio e triste de Bakehouse Close para passar uma última noite. Esperava-o todo um recomeço no dia seguinte, e deveria prepará-lo descansando adequadamente. Mas sabia, igualmente, que o sono tardaria a chegar depois de tudo o que acabara de presenciar. Não era uma noite para a solidão, nem para a sobriedade.

O único antídoto para o seu confronto com a morte era o abraço caloroso da vida, ainda que esse abraço fosse malcheiroso, suado e grosseiro.

SESSENTA E TRÊS

Sente-se de novo vacilante, ali deitado no escuro, uma sensação que não consegue explicar. Tonturas, talvez, como quando bebeu vinho demais. Ouvem-se gritos lá fora, berros de homens, como trabalhadores entregues às suas tarefas. Estão estranhamente emudecidos, porém, e os sons não ecoam nas paredes dos edifícios.

Descobre que já consegue abrir os olhos. Tem memória de antes não o ter conseguido. Julga ter sido vendado. Ainda assim, não consegue ver muito. A divisão está quase completamente imersa em escuridão. As mãos continuam amarradas, mas os pés estão livres.

Sente um cheiro horrível, intenso e sufocante, e apercebe-se de uma humidade junto à bochecha. É vômito, o seu próprio vômito. Recorda-se das náuseas, mas não de vomitar. A consciência tem sido visita ocasional, ultimamente, mas não amiga leal. Recorda-se do estado indistinto semidesperto, uma sensação de desorientação, e não conseguir ver nada não ajuda. Exaustão, apesar de nunca ter estado totalmente desperto. O sono, quando vem, é uma bênção.

Não sabe há quanto tempo jaz ali. Leva as mãos amarradas ao rosto e sente a barba crescida. Calcula que há pelo menos três dias que não se barbeia.

As recordações chegam lentamente, focando-se por pequenos incrementos, como se ajustasse minuciosamente a lente de um microscópio.

Arrastado para a cave. Deitado na sua própria mesa de operações, amarrado a ela, incapaz de se mexer. Sem a menor noção do tempo, longos segundos temerosos que se transformam em minutos, que se transformam em horas. Molha as calças por não ter outra forma de se aliviar.

Raven e Simpson regressam. Nenhum deles fala. Raven forma um cone com um lenço, que embebe no clorofórmio. Depois, o esquecimento. E a seguir esta câmara escura, de localização desconhecida.

Senta-se e bate com a cabeça em algo. A princípio, pensa que o teto deve ser baixo, mas percebe, com as mãos, que há um beliche por cima. Não há janela, nem candeeiro, e não consegue encontrar uma porta.

Hesitantemente, põe os pés de lado e levanta-se devagar. Bate de novo com a cabeça, pois o teto é de facto baixo.

Avança, com as mãos estendidas até encontrar uma superfície. Tem sorte, acha, pois os seus dedos tocam em madeira. É a porta. Agora tem de encontrar a maçaneta.

Não consegue. Procura com as mãos, e descobre que tudo à sua volta é madeira. Mas que raio de câmara é esta, afinal? Será que está no campo, na floresta?

Cerra os punhos e começa a dar murros, gritando para o deixarem sair.

Pouco depois, passos. A luz inunda a divisão, encadeando os seus olhos pouco habituados enquanto uma porta é aberta numa parede perpendicular àquela em que a procurara. Mãos fortes agararam-no e conduzem-no por um corredor. Mesmo aqui, tudo à sua volta é de madeira. Os homens que o levam estão fardados de soldados. Terá sido levado para o castelo de Edimburgo?

Ao subir por uma escada estreita, ouve mais berros de homens e sente de novo baloiçar. Com uma fúria que o consome, compreende. Ouve as ondas bater num casco, e sente o frio cortante ao subir ao convés.

A toda a volta, somente água, de horizonte a horizonte.

Apresentam-no a um cavalheiro de barbas, claramente alguém de alta patente, a avaliar pela farda.

— Bom dia — cumprimenta ele. — Sou o capitão Douglas Strang.

— Onde é que eu estou?

— Está a bordo do navio de investigação da Royal Navy, HMS *Fearless*, a navegar para América do Sul numa missão prolongada de cartografia da costa marítima.

— A que distância estamos de Leith? Tem de dar imediatamente meia-volta!

Strang ri-se.

— Não vamos dar meia-volta durante muito tempo. Talvez, até, nunca cheguemos a dar meia-volta, uma vez que poderemos vir a realizar uma circum-navegação, dependendo de ordens futuras. A nossa comissão de serviço, inicialmente, é de três anos.

Beattie sente as pernas a fraquejar, e não devido ao mar.

— O capitão James Petrie ofereceu os seus serviços como cirurgião do navio. O cunhado dele, o Dr. Simpson, insinuou que o senhor teve problemas de conduta com senhoras, pelo que estou certo de que gostará de saber que não se cruzará com nenhuma enquanto estiver sob o meu comando.

— Isto é ilegal. Isto é recrutamento forçado!

— O capitão Petrie avisou-nos desde logo que a combinação poderia não lhe agradar, por isso chegámos a um certo entendimento. Nesse sentido, eu sou obrigado a oferecer-lhe uma alternativa caso decida não aceitar o cargo.

— E qual é essa alternativa?

— Atirá-lo borda fora. A escolha é sua, Dr. Beattie.